



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO JEQUITINHONHA E MUCURI
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

MARIA SALETE FRANCO LEMOS

**DISLEXIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPLICAÇÕES PRÁTICAS NA
ATUAÇÃO DO PROFESSOR**

PAPAGAIOS – MG

2023

MARIA SALETE FRANCO LEMOS

**DISLEXIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPLICAÇÕES PRÁTICAS NA
ATUAÇÃO DO PROFESSOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do Diploma de Graduação em Licenciatura em Pedagogia, à Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

Área de Concentração: Educação

Orientador: Prof. Me. Renan Nunes Aguiar

PAPAGAIOS – MG

2023

MARIA SALETE FRANCO LEMOS

**DISLEXIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPLICAÇÕES PRÁTICAS NA
ATUAÇÃO DO PROFESSOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Me. Renan Nunes Aguiar (Orientador)

Prof. Me. Carolina Milhim Barcellos (Membro Titular 1)

Prof. Esp. Ranierisson Augusto Cândido (Membro Titular 2)

PAPAGAIOS – MG

2023

DISLEXIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPLICAÇÕES PRÁTICAS NA ATUAÇÃO DO PROFESSOR

RESUMO

Ao entrar em contato com o ambiente escolar, as dificuldades no processo de aprendizagem são muitas vezes identificadas como problemas. Isso ocorre especialmente quando a criança é inserida na escola e é confrontada com as expectativas de aprendizagem formal. De acordo com o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5.^a edição ou DSM-5 (APA, 2014), a dislexia é caracterizada por dificuldade persistente na leitura, independentemente da instrução, do nível intelectual e da motivação. Além disso, a dislexia pode afetar a capacidade de compreender textos escritos e o ritmo de leitura. Embora a dislexia seja uma condição comum, muitos pais, professores e profissionais da saúde não sabem identificar suas características, apresentando um diagnóstico impreciso e inconsistente, contribuindo para a inércia do desenvolvimento do aluno, que poderiam ser estimulados de maneira apropriada. Nesse cenário este trabalho teve por questão norteadora a seguinte pergunta: Qual é a percepção da comunidade científica sobre as implicações da dislexia na Educação Infantil e como essas implicações afetam o processo de aprendizagem dos alunos com dislexia. Assim, o presente estudo teve por objetivo investigar as implicações da dislexia na educação infantil, com foco no debate científico. Esse estudo consistiu metodologicamente em uma pesquisa bibliográfica, essa abordagem de pesquisa é caracterizada pela observação direta dos fenômenos e pela sistematização progressiva do conhecimento adquirido. O objetivo dessa metodologia de pesquisa, é fornecer uma visão geral dos estudos realizados sobre o tema, avaliar a qualidade da evidência e identificar lacunas e pontos fracos na literatura existente. Em linhas gerais, os resultados obtidos apontaram para a necessidade de as instituições educacionais promoverem uma abordagem inclusiva e acessível a todos os alunos, independentemente de suas diferenças e condições de aprendizagem. Isso requer uma compreensão aprofundada das necessidades individuais de cada criança disléxica, bem como a adoção de estratégias pedagógicas que promovam a participação ativa dos alunos em sala de aula. É importante que haja um trabalho colaborativo entre pais, educadores e profissionais de saúde, levando em consideração aspectos sociais, emocionais, políticos e a subjetividade de cada aluno em termos de aprendizagem. Além disso, os autores destacam a necessidade de implementação de políticas públicas voltadas a temática, a fim de garantir que elas tenham acesso a uma educação de qualidade e equitativa, bem como a formação continuada e especializada dos profissionais também se mostraram fundamentais para o êxito da abordagem pedagógica da dislexia. Foi possível observar que os dados apresentam limitações e diversas dificuldades dentro do contexto educacional básico, marcado por incoerência entre políticas e a realidade vivenciada por educadores e alunos, bem como a fragilidade do sistema de educação brasileiro em nível de recursos humanos e estrutura ambiental. É esperado que, além de contribuir para a disseminação do debate sobre as implicações relacionadas a esse transtorno de aprendizagem, o presente estudo possa ser objeto de reflexão acerca da formação dos profissionais de educação.

Palavras Chave: Educação infantil. Implicações da dislexia. Atuação do professor na dislexia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1 ASPECTOS HISTÓRICOS E CONTEXTUAIS DA DISLEXIA.....	8
1.1 Evolução histórica da dislexia	9
1.2 Conceitualização da Dislexia	12
1.3 Implicações da Dislexia na Prática Pedagógica	15
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
2.1 Identificação do tema e seleção da questão de pesquisa	21
2.1.1 Instrumentos	22
2.1.2 Fonte de busca de dados	23
2.1.3 Resultados da Pesquisa Bibliográfica.....	23
2.1.3 Análise e interpretação dos resultados.....	24
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
4 REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

Os transtornos de aprendizagem podem ser persistentes e resultar em desafios emocionais e comportamentais em várias esferas da vida social. Esses distúrbios são caracterizados por dificuldades em adquirir habilidades acadêmicas específicas, possivelmente devido a um funcionamento anormal do Sistema Nervoso Central. As áreas afetadas podem incluir escrita (disgrafia), matemática (discalculia), e leitura (dislexia), conforme apresentado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2008. A dislexia é definida pela dificuldade significativa e específica no desenvolvimento das habilidades de leitura, que não pode ser explicada por outras causas, como deficiência mental, problemas sensoriais ou falta de educação adequada. As dificuldades experimentadas por pessoas com dislexia são frequentemente atribuídas a uma falha no componente fonológico da linguagem (APA, 2013).

Crianças com dislexia tendem a ter um desempenho escolar abaixo do esperado para sua idade cronológica, capacidade intelectual e nível de educação. É comum observar sinais de fracasso escolar nesses indivíduos. Como resultado, a criança pode experimentar uma autoestima prejudicada, acreditando que é incapaz ou inferior em relação aos seus colegas. Ao ter dificuldades em ler um texto com facilidade, ela pode se desmotivar e perder o interesse pela leitura. Essas dificuldades podem ser mal interpretadas como preguiça, falta de atenção ou falta de esforço por parte da criança, resultando na falta de apoio necessário para superar essas dificuldades. A avaliação da escrita pode incluir a análise dos erros cometidos pelo indivíduo. A classificação dos erros ortográficos pode ajudar a identificar os processos linguísticos envolvidos e a planejar estratégias de intervenção mais adequadas para pessoas com dislexia.

Embora a dislexia seja uma condição comum, muitos pais, professores e profissionais da saúde não sabem identificar suas características, apresentando um diagnóstico impreciso e inconsistente, contribuindo para a inércia do desenvolvimento do aluno, que poderiam ser estimulados de maneira apropriada. Nesse sentido, quando as crianças não alcançam as expectativas sociais de compreensão da leitura e domínio da escrita, tornam-se mais propensas ao desenvolvimento de quadros ansiosos, acessos de raiva, evitação de tarefas ordinárias e terem um conceito negativo de si.

Os professores podem acreditar que o aluno com dislexia seja desatento, e os pais podem relacionar as dificuldades na escola a atitudes comportamentais que refletem desinteresse pelo estudo. Até mesmo o próprio aluno pode considerar-se incapaz,

com o autoconceito e a autoestima prejudicados, decorrentes da vivência de múltiplos insucessos no cotidiano, principalmente no contexto acadêmico. As dificuldades na leitura e expressão escrita, as letras deformadas e desorganizadas são algumas características típicas do quadro, capazes de criar situações constrangedoras ao aluno e limitantes ao professor (TABAQUIM *et al.*, 2016, p. 133).

Sem a presença de informações, não raramente, o educador não sabe como lidar com certas particularidades e propor uma solução adequada, assim, o ensino da leitura e escrita pode ser realizado de maneira ineficiente, com professores agindo por meio de tentativa e erro ao propor metodologias inapropriadas a essa demanda específica. No contato com os familiares, é possível verificar estereótipos como "crianças problemáticas", "que não aprendem", "que não progridem". Infelizmente, muitas vezes as crianças disléxicas são erroneamente rotuladas, o que pode aumentar ainda mais sua ansiedade e baixa autoestima. É possível observar que tais estereótipos prejudicam o processo de aprendizagem e a integração dessas crianças na escola, já que muitas vezes são excluídas ou não recebem o suporte adequado. É importante que os pais, profissionais da saúde e da educação estejam cientes de que a dislexia não é um problema de falta de esforço ou de inteligência da criança, mas sim uma condição multifatorial que requer abordagens específicas de ensino.

Compreende-se que trabalhar questões emocionais e/ou comportamentais decorrentes da dislexia (ansiedade, medo, frustração, baixa autoestima) é parte fundamental para possibilitar o desenvolvimento do aluno disléxico, pois quando seus pequenos avanços são observados e recompensados positivamente, a probabilidade de alcançar o êxito diante das dificuldades é maior. As implicações práticas na atuação do professor, engloba desde necessidades de formação de professores a nível de conhecimento teórico/técnico, a disponibilidade de recursos, políticas públicas, estrutura de trabalho, adaptação de metodologias e a interface com equipes multidisciplinares que deverão ser estabelecidas numa base colaborativa.

Nesse cenário, verificou-se que as questões elencadas a seguir podem servir como fundamentação para a construção do problema de pesquisa, tendo como propósito responder a seguinte questão: Qual é a percepção da comunidade científica sobre as implicações da dislexia na Educação Infantil e como essas implicações afetam o processo de aprendizagem dos alunos com dislexia.

Consoante ao problema de pesquisa acima descrito, o presente trabalho teve como objetivo geral investigar as implicações da dislexia na educação infantil, com foco no debate científico.

Em relação aos seus objetivos específicos, a pesquisa procurou investigar:

- Investigar como a dislexia afeta o processo de aprendizagem de crianças na educação infantil;
- Identificar os principais desafios encontrados pelos professores em relação a educação infantil de crianças com dislexia;
- Analisar as implicações da educação inclusiva na atuação com alunos disléxicos na educação infantil.

1 ASPECTOS HISTÓRICOS E CONTEXTUAIS DA DISLEXIA

O estudo da dislexia é uma área bastante complexa, marcada por conceitos e perspectivas variadas sobre o desenvolvimento e aprendizagem. Diferentes posições são apresentadas sobre sua real causa, baseadas em pesquisas na anatomia, fisiologia do sistema nervoso e sua função na linguagem, bem como no desenvolvimento histórico da neurologia. Com o tempo, novas concepções foram surgindo e complementando o campo de estudos da dislexia, à medida que concepções antigas eram reformuladas ou novos conceitos emergiam. No entanto, ainda não existe uma justificativa sólida para o distúrbio, o que resulta em diferentes formas de abordar o diagnóstico das crianças (MARTINS; CÁRNIO, 2020).

Diante do reconhecimento de que a dislexia se trata de um distúrbio complexo e multifacetado, Ianhez e Nico (2002) definiu a dislexia como:

Uma desordem de linguagem que impede a aquisição de sentido por intermédio das palavras escritas, por causa de uma deficiência na habilidade de simbolização. Pode ser endógena ou exógena, congênita ou adquirida. As limitações da linguagem escrita são demonstradas por uma discrepância entre a aquisição real e a esperada. Essas limitações derivam de disfunções cerebrais manifestadas por perturbações na cognição; não são, portanto, atribuídas a impedimentos motores, sensoriais, intelectuais ou emocionais, tampouco a ensino inadequado ou falta de oportunidade (IANHEZ; NICO, 2002, p. 22).

Ao entrar em contato com o ambiente escolar, as dificuldades no processo de aprendizagem são muitas vezes identificadas como problemas. Isso ocorre especialmente quando a criança é inserida na escola e é confrontada com as expectativas de aprendizagem formal. Para as crianças disléxicas, a escola pode se tornar uma grande fonte de estresse, pois elas se comparam com outros estudantes que não têm problemas na leitura e escrita. O fracasso da criança no início do processo de aprendizagem, pode destacar certos padrões de comportamento humano que, por serem diferentes ou desviantes de uma norma comumente aceita, são percebidos como problemas.

Neste sentido, o contexto escolar configura-se como um ambiente preponderante no processo de ensino e aprendizagem, em especial no desenvolvimento da leitura e da escrita, pois, essa etapa representa uma conquista importante ao repertório de qualquer indivíduo. Essa aprendizagem ocorre gradativamente, iniciada nos primeiros anos de vida da criança, e o que se espera, é que essas habilidades sejam facilitadas pelo professor ou por aqueles que cumpram esse papel.

1.1 Evolução histórica da dislexia

Para compreender a evolução histórica do conceito de dislexia, é essencial realizar uma pesquisa minuciosa utilizando documentos diversos. Os pesquisadores desse tema selecionaram momentos históricos importantes no desenvolvimento da Neurologia como ciência para iniciar suas investigações. Suas escolhas foram baseadas principalmente no papel desempenhado por sua área de atuação nas pesquisas sobre a dislexia e nas contribuições oferecidas para a elucidação do problema, muitas vezes ignorando os achados científicos de outras áreas correlatas, conforme apontado por Oliveira e Lacerda (2018).

No início do século XIX, o médico neuroanatomista e fisiologista Franz Joseph Gall (1758-1828) conduziram observações e estudos sobre a anatomia de pessoas adultas afásicas, o que lhe rendeu grande reconhecimento como autor da anatomia do cérebro. Isso se deve à descrição minuciosa que ele fez da morfologia e das principais estruturas nervosas do cérebro (OLIVEIRA; LACERDA, 2018).

Os estudos pioneiros de Gall abriram as portas para diversas pesquisas que trouxeram conhecimentos imprescindíveis sobre a anatomia e a fisiologia do cérebro humano, tais como as pesquisas do médico anatomista francês Paul Broca (1824-1880) e do psiquiatra alemão Karl Wernicke (1848-1905) (OLIVEIRA; LACERDA 2018, p. 793).

No início do século XIX, as dificuldades no domínio da leitura e da escrita foram caracterizadas como afasia, que é a perda ou diminuição da capacidade de usar ou compreender palavras devido a uma lesão cerebral. Diversos pesquisadores, com formação médica semelhante, tentaram explicar os sintomas de pacientes que perderam a capacidade de ler após lesões cerebrais ou traumatismos cranioencefálicos. A primeira referência conhecida em 1877, quando Kussmaul utilizou o conceito de "cegueira verbal" para caracterizar situações em que adultos deixaram de ler, apesar de manterem outras habilidades intelectuais e linguísticas.

Anos mais tarde em 1896 o oftalmologista britânico Morgan utilizou o termo "Cegueira – verbal" para se referir a casos de problemas de leitura que tinham uma origem no desenvolvimento da criança e apresentavam uma incapacidade seletiva e uma etiologia reconhecível. Acreditava que a condição era causada por uma lesão cerebral e que era incurável. Esse entendimento sobre a dislexia foi amplamente aceito na época, mas com o tempo, a ideia de que a dislexia era causada por fatores cerebrais foi refutada (SMITH, 2012). Além disso, de acordo Carvalho (2011) ao final do século XIX eram frequentemente

observadas semelhanças comportamentais entre os problemas de leitura adquiridos e os congênitos.

No ano de 1887, o médico alemão Rudolf Berlin, de Estugarda, utilizou pela primeira vez o termo "dislexia" para descrever uma condição adquirida que se desenvolve após o nascimento. Ele sugeriu que a dificuldade na leitura poderia ser devido a uma "doença cerebral", em vez de uma lesão cerebral específica (OLIVEIRA; LACERDA, 2018).

Na década de 1920, o psiquiatra alemão Alfred Strauss descreveu um caso de um paciente com dislexia que apresentava uma alteração específica no processamento de sons. Esse foi um marco importante para entender a dislexia como uma condição que afeta a habilidade de processar sons e fonemas. Strauss também cunhou o termo "dislexia adquirida" para se referir a casos de dislexia causados por lesões cerebrais (SNOWLING, 2000).

Na década de 1960, a psicóloga americana Marion Taylor desenvolveu um teste para avaliar a dislexia em crianças. Esse teste, chamado de "Test of Adolescent and Adult Reading" (TAAR), era baseado na ideia de que a dislexia era causada por dificuldades de processamento fonológico. Esse entendimento sobre a dislexia foi um avanço significativo, pois ajudou a estabelecer a ideia de que a dislexia não era uma questão de inteligência ou esforço, mas sim uma dificuldade específica no processamento de sons (SHAYWITZ, 2003).

A partir da década de 1960, a dislexia passou a ser mais amplamente reconhecida como uma condição específica que afeta a leitura e a escrita, e não apenas um problema de atenção ou de inteligência. Esse reconhecimento se deu em grande parte graças aos estudos de pesquisadores como Samuel Orton e Anna Gillingham, que desenvolveram métodos de ensino para crianças com dislexia. Esses métodos baseavam-se na ideia de que a dislexia era causada por dificuldades no processamento fonológico, e propunham atividades específicas para ajudar as crianças a desenvolver essa habilidade (SHAYWITZ, 2003).

“Em 1968, a Federação Mundial de Neurologia, definiu dislexia como um transtorno que se manifesta por dificuldades na aprendizagem da leitura” (CORREA, 2012, p. 12). Na década de 1970, o psicólogo britânico Peter Bryant desenvolveu a teoria da "hipótese fonológica" da dislexia. Essa teoria postulava que a dislexia era causada por dificuldades no processamento fonológico, que por sua vez afetavam a habilidade de leitura e escrita. Bryant argumentava que a dislexia era uma condição inata e que a exposição à leitura e escrita não era suficiente para superá-la. Essa teoria foi um passo importante para entender a dislexia como uma condição que afeta a habilidade de processamento de sons e fonemas (CASTLES; FRIEDMAN, 2014).

Na década de 1980, a psicóloga americana Sally Shaywitz conduziu uma série de estudos que demonstraram que a dislexia é uma condição neurológica que afeta a forma como o cérebro processa a linguagem escrita. Esses estudos mostraram que pessoas com dislexia apresentam diferenças na atividade cerebral em comparação com pessoas sem a condição, e que essas diferenças podem ser observadas mesmo em crianças muito jovens (SHAYWITZ *et al.*, 1995).

Em 1983, foi fundada no Brasil a Associação Brasileira de Dislexia (ADB) com o propósito de disseminar informações, aumentar o conhecimento e ajudar indivíduos com dislexia a superar suas dificuldades específicas de linguagem. Quando diagnosticada e tratada de forma adequada, a dislexia pode apresentar uma melhora de até 80% no paciente. Em 1994, a dislexia foi incluída no Manual de Diagnóstica e Estatística de Doenças Mentais, DSM-IV, como uma perturbação da leitura e escrita, e estabeleceram-se alguns critérios diagnósticos (CORREA, 2012). Nos anos 90, o tema da dislexia começou a ganhar mais visibilidade no país, graças em parte ao trabalho de organizações como a Associação Brasileira de Dislexia, e de profissionais como a psicóloga Maria da Graça Bicalho, que publicou vários artigos sobre o assunto na época (BICALHO, 1997).

Atualmente segundo Correa (2012), a definição mais aceita pela comunidade científica para a dislexia é a proposta pela Associação Internacional de Dislexia (IDA). Segundo a IDA (2003), a dislexia é:

Dislexia é uma incapacidade específica de aprendizagem, de origem neurobiológica. É caracterizada por dificuldades na correção e/ou fluência na leitura de palavras e por baixa competência leitora e ortográfica. Estas dificuldades resultam de um déficit fonológico, inesperado, em relação às outras capacidades cognitivas e às condições educativas. Secundariamente podem surgir dificuldades de compreensão leitora, experiência de leitura reduzida que pode impedir o desenvolvimento do vocabulário e dos conhecimentos gerais (CORREA, 2012, p.12).

Com a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (LEI nº 8.069, ECA, 1990) estabeleceram legalmente a igualdade no atendimento às necessidades educacionais individuais das crianças no Brasil. De acordo com o artigo 54, parágrafo III da ECA, é obrigatório fornecer um "atendimento especializado aos portadores de deficiência", dando preferência à rede regular de ensino. Nos anos 2000, o Ministério da Educação brasileiro começou a adotar políticas de inclusão para alunos com necessidades educacionais especiais, incluindo alunos com dislexia. Em 2003, foi publicada a Lei nº 10.172, que instituiu o Programa Nacional do Livro Didático para alunos com necessidades educacionais especiais, incluindo alunos com dislexia. Desde então, o governo tem

implementado medidas para garantir a inclusão de alunos com dislexia nas escolas públicas (BRASIL, 2001).

Recentemente a Lei Brasileira de Inclusão ou Estatuto da Pessoa com Deficiência, aprovada em 6 de julho de 2015 como Lei 13.146, busca garantir os direitos fundamentais das pessoas com deficiência no Brasil. Diferentemente das leis anteriores, um dos objetivos principais desta lei é garantir o direito à educação em escolas regulares em todos os níveis de ensino para as pessoas com deficiência. Apesar da promulgação da Lei 13.085 de 8 de janeiro de 2015 (BRASIL, 2015), que instituiu o Dia Nacional de Atenção à Dislexia, essa medida não contribuiu significativamente para a resolução das questões relacionadas ao diagnóstico e tratamento da dislexia.

Com a evolução dos direitos igualitários à educação, os projetos de leis brasileiras passaram a indicar a atenção especial aos quadros de dislexia no Brasil prevista na educação básica, assim de acordo com o Segundo o Projeto de (Lei nº 7.081 de 2010), que dispõe sobre o diagnóstico e tratamento da dislexia e do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade na educação básica, "o poder público assegurará atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com dislexia e TDAH" (BRASIL, 2010, p. 1). A (Lei Nº 14.254, 2021) ressalta "sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem" (BRASIL, 2021).

1.2 Conceitualização da Dislexia

De acordo com Correia (2012), a história das dificuldades de aprendizagem tem sido objeto de grande interesse por parte de profissionais de diversas áreas. Todos esses profissionais têm buscado entender os processos envolvidos nas dificuldades de aprendizagem de crianças cujos comportamentos são incompatíveis com uma aprendizagem típica. Esse interesse resultou em um conjunto de teorias que buscam explicar as características dessas dificuldades e elaborar definições para elas.

Essa preocupação com as dificuldades de aprendizagem não é recente, como aponta Barreto (2007). Desde o início do século XX, as dificuldades de aprendizagem têm sido estudadas e discutidas por diversos autores, sendo que muitos deles associavam essas dificuldades a fatores orgânicos, como lesões cerebrais ou problemas de visão. A partir da década de 1960, porém, novas teorias começaram a surgir, destacando a importância de fatores ambientais e psicológicos para o desenvolvimento das dificuldades de aprendizagem.

Segundo os estudos de Shaywitz (2003), há três áreas específicas no cérebro que têm funções fundamentais no processo de leitura. Todas essas regiões ficam localizadas no hemisfério esquerdo do cérebro, que é tradicionalmente associado à linguagem. As três áreas distintas identificadas são: a região inferior frontal, que inclui a área de Broca (girus frontal inferior), responsável pela vocalização e articulação das palavras; a região parieto-temporal, envolvida na análise das palavras; e a região giro occipitotemporal, responsável pela fluência e automatização da leitura.

Para Shaywitz, (2003) a dislexia é um transtorno de aprendizagem que afeta a habilidade de leitura e escrita e sua etiologia ainda é objeto de muitas pesquisas. Uma das teorias mais aceitas é a teoria biológica da dislexia, que sugere que o transtorno é causado por uma disfunção cerebral específica na área de processamento da linguagem, que resulta em um déficit na capacidade de reconhecer os sons da fala e de relacioná-los com símbolos escritos, dificultando assim a leitura e a escrita.

Os autores Amaral *et al.* (2021), Capellini, (2010), Murphy, (2009) também consideram a componente fonológica na dislexia, como um fator relevante para explicar as inúmeras dificuldades que as crianças com dislexia enfrentam. A consciência fonológica é uma habilidade importante para o desenvolvimento da leitura e da escrita. Assim, o processo fonológico depende da consciência fonológica, que possibilitará como consequência, a leitura e a escrita. Diante deste pressuposto, a consciência fonológica é considerada um pré-requisito para o domínio da linguagem escrita. Outra teoria bastante estudada é a teoria do processamento auditivo, que defende que a dislexia pode ser causada por um problema no processamento dos sons da fala no cérebro. Segundo Lima, (2007) essa disfunção no processamento auditivo pode ser resultante de uma anomalia na cóclea, que afeta a percepção dos sons, ou de uma disfunção no tronco cerebral, que afeta a integração dos sons.

A compreensão de leitura é um processo muito complexo que envolve vários outros processos e habilidades correlatas, uma vez que não basta decodificar, mas é necessário atribuir um sentido ao material lido. Tal interpretação depende de inúmeras variáveis, tais como habilidades metalinguísticas, cognitivas, memória de curto prazo verbal e vocabulário. Entretanto, ainda não é muito claro o papel de cada um desses componentes no processo de compreensão de leitura (NALON; SOARES; CÁRNIO, 2015, p.336).

É possível observar que o termo dislexia não tem um consenso sobre sua etiologia na comunidade científica. As dificuldades de aquisição da leitura e da linguagem escrita em crianças constituem tema de interesse multidisciplinar nos meios educacionais, acadêmicos e clínicos. O interesse em torno dessas dificuldades é justificado pelo fato de que elas podem ter

várias causas, incluindo fatores biológicos, ambientais e comportamentais. De acordo com a literatura apresentada, muitos autores argumentam que a dislexia é uma condição multifatorial que compromete capacidade de ler e escrever, enquanto que a falta de estimulação adequada no ambiente familiar ou escolar pode prejudicar o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita (CARIDÁ; MENDES, 2012; MARTINS; CÁRNIO, 2020).

Dificuldades de Aprendizagem Específica dizem respeito à forma como um indivíduo processa a informação – a recebe, a integra, a retém e a exprime, tendo em conta as suas capacidades e o conjunto das suas realizações. As dificuldades de aprendizagem podem assim manifestar-se nas áreas da fala, da leitura, da escrita, da matemática e /ou da resolução de problemas, envolvendo défices que implicam problemas de memória, perceptivos, motores, de linguagem, de pensamento e/ou metacognitivos. Estas dificuldades que não resultam de privações sensoriais, deficiência mental, problemas motores, déficit de atenção, perturbações emocionais ou sociais, embora exista a possibilidade de estes ocorrerem em concomitância com elas, podem, ainda, alterar o modo como o indivíduo interage com o meio envolvente. ” (Correia, 2008, p. 46).

A Classificação Internacional de Doenças – CID 10 OMS, (2011), em sua décima edição, inclui a dislexia como um transtorno de aprendizagem específico que compromete a habilidade de ler de maneira eficiente e afeta a capacidade de compreender textos escritos. Associação Americana de Psiquiatria (APA) não inclui uma categoria específica para a dislexia. Em vez disso, a dislexia é incluída como um transtorno de aprendizagem específico na categoria de "Transtornos de Aprendizagem e de Desenvolvimento". De acordo com o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5.^a edição ou DSM-5 (APA, 2014), a dislexia é caracterizada por dificuldade persistente na leitura, independentemente da instrução, do nível intelectual e da motivação. Além disso, a dislexia pode afetar a capacidade de compreender textos escritos e o ritmo de leitura.

O Transtorno de Aprendizagem Específico caracteriza-se por uma desordem neurodesenvolvimental de origem biológica, que é a base das dificuldades, em nível cognitivo, que estão associadas às expressões comportamentais do transtorno. A origem biológica inclui uma interação de fatores genéticos, epigenéticos e ambientais os quais afetam a habilidade cerebral de perceber ou processar informação verbal ou não-verbal de forma eficiente e precisa. (APA, 2014, p. 68)

Conforme supracitado CID 10 OMS, (2011), é importante compreender que a dislexia não é resultado de uma má alfabetização ou responsabilidade da criança, e que é crucial entender suas causas e características para que possam ser abordadas de forma eficaz. É essencial procurar soluções pedagógicas eficazes que possam ajudar as crianças a manejar

suas dificuldades, minimizando suas frustrações e promovendo o desenvolvimento da aprendizagem.

A dislexia, por ser um transtorno de aprendizagem complexo, exige todo esse suporte técnico ao redor do disléxico para que ele aprenda a lidar com sua dificuldade e receba o apoio específico para suas necessidades. O disléxico terá que aprender a conviver num ambiente social letrado, sabendo que não domina totalmente os instrumentos necessários (leitura e escrita) para ser bem-sucedido nessa sociedade moderna (CABUSSÚ, 2009, p. 483).

De acordo com Alves, Mousinho, Capellini (2011), o termo dislexia é entendido como sendo:

Transtorno específico de aquisição e do desenvolvimento da aprendizagem da leitura, caracterizado por um rendimento em leitura inferior ao esperado para a idade e que não se caracteriza como o resultado direto de comprometimento da inteligência geral, lesões neurológicas, problemas visuais ou auditivos, distúrbios emocionais ou escolarização inadequada (ALVES; MOUSINHO; CAPELLINI, 2011, p.30).

É importante, que o professor seja um agente atento às possíveis manifestações e indicações da dislexia em sua prática pedagógica. É comum que o professor seja o primeiro a perceber possíveis problemas na leitura ou outras dificuldades de aprendizagem em seus alunos. É crucial entender, entretanto, que o professor não tem o papel de diagnosticar dislexia ou outras dificuldades de aprendizagem, esse diagnóstico deve ser realizado por especialistas capacitados, e diante desta situação, é importante que o professor faça os devidos encaminhamentos da criança para uma avaliação mais abrangente (ANCELA, 2014).

1.3 Implicações da Dislexia na Prática Pedagógica

A aprendizagem não deve ter como ponto de partida apenas o aluno, mas sim levar em consideração o seu nível de desenvolvimento cognitivo, que influencia na capacidade de assimilação. O ensino nas escolas muitas vezes erra ao tratar todos os alunos de forma igual, sem levar em conta suas diferenças individuais. A criação de currículos rígidos e conteúdos predefinidos é uma forma mais simples, porém inadequada, pois nem todas as crianças conseguem acompanhar o mesmo plano de ensino. É necessário desenvolver projetos educativos que considerem a diversidade presente na sala de aula, tomando decisões com base nas características individuais dos alunos. “Uma forma de atender a diversidade existente entre as crianças seria por fazer uma espécie de sondagem entre os alunos, como testes psicomotores, teste de prontidão, avaliação do nível de aprendizagem” e outros, a fim de

conhecer suas particularidades e evitar o desenvolvimento ou agravamento de possíveis transtornos de aprendizagem (PINTO; MATOS, 2016, p. 7).

A perspectiva sobre a educação inclusiva na dimensão didático-curricular é que ela permite que os estudantes com necessidades educativas especiais participem das mesmas atividades que os demais, aprendendo o mesmo material, embora de maneiras diferentes. Apesar de, em alguns contextos escolares, muitos professores encontrarem dificuldades em implementar estratégias de intervenção adequadas aos alunos com dislexia devido ao elevado número de estudantes por turma. Além disso, a falta de recursos humanos e materiais nas escolas também dificultam a criação de ambientes educativos e pedagógicos personalizados que estimulem o desenvolvimento pessoal e social da aprendizagem e garantam o sucesso escolar destas crianças (CIDRIM; MADEIRO, 2017; GLAT *et al.*, 2003).

Neste sentido, é importante destacar que não somente o professor, mas é também responsabilidade do estado, enquanto provedor da educação básica, oferecer condições e recursos adequados e proporcionar adaptações ao currículo formador para atender a essas necessidades. Um professor que tenha uma maior preparação técnica a nível pedagógico será mais propenso a fazer mudanças em suas técnicas e atitudes (LUMERTZ, 2020; PEREIRA; SILVA, 2021).

Além dos aspectos pedagógicos, como a identificação precoce e a estimulação para crianças que apresentam características relacionadas a dislexia, os fatores psicológicos e socioafetivos também são crucialmente relevantes. Neste aspecto, Feitosa; Dell Prette; Matos, (2007) destacam que:

O enfoque psicossocial, por outro lado, reúne dados que permitem explicar a etiologia das dificuldades de aprendizagem acadêmica a partir de variáveis psicológicas (cognitivas, emocionais e comportamentais), educacionais, sociais e econômicas presentes ao longo da história de vida do educando, demonstrando características interdisciplinares, salvo uma aparente tendência em evitar a incorporação de dados biológicos no estudo dos processos de aprendizagem e seus problemas. (FEITOSA; DELL PRETTE; MATOS, 2007, p. 110).

Considerando as implicações comportamentais decorrentes da dislexia, os estudos de Zuppardo *et al.*, al (2020, p. 179-180) analisaram que, “estudantes com dislexia apresentam uma personalidade emocional-comportamental distinta, com baixa autoestima e mais ansiedade em questões emocionais, e também mais problemas comportamentais do que os estudantes sem o diagnóstico de dislexia”. A “autoestima está correlacionada com o desempenho escolar insuficiente; estando diretamente ligada aos sintomas ansiosos elevados e aos problemas nas relações interpessoais na sala de aula”, segundo um estudo apresentado por (TERRAS; THOMPSON; MINNIS, 2009, p. 320).

É importante destacar que os estudantes com dislexia encontram dificuldades nas interações interpessoais devido aos sentimentos de rejeição, humilhação e medo ao participar de atividades em público, além da preocupação em mostrar suas dificuldades diante do professor e colegas. Estes fatores se tornam indicadores importantes para o aparecimento de problemas comportamentais externos e para o baixo desempenho escolar nesses indivíduos. Com base nestes aspectos, também se pode perceber possíveis indícios de comorbidade relacionada ao transtorno de personalidade antissocial em estudantes com dislexia (ZUPPARDO *et al.*, 2020; BRAGA, 2011).

Estudantes com e sem dislexia apresentam níveis semelhantes de ansiedade e autoestima em geral. No entanto, os estudantes com dislexia experimentam fatores preditores de ansiedade, como estresse, medo de ler, medo de não conseguir realizar a leitura e dificuldades em estabelecer relações interpessoais. Além das consequências emocionais da dislexia, os ambientes sociais da sala de aula constituem fatores psicológicos importantes que influenciam o surgimento da ansiedade em estudantes com dislexia. Por isso, é fundamental destacar que o treinamento de competências emocionais na educação é uma das recomendações mais claras para melhorar o bem-estar destes indivíduos e proporcionar uma melhoria na qualidade de vida (OLIVEIRA; CARDOSO; CAPELLINI, 2012).

Para uma atuação eficaz, Braga (2011), postula que, a efetividade na aplicação e desenvolvimento do currículo escolar é crucial para atender às necessidades dos alunos com dificuldades de aprendizagem, como a dislexia. É importante que os professores conheçam as necessidades individuais dos alunos e as estratégias de ensino adequadas a essas necessidades. Além disso, os professores precisam ter habilidades para desenvolver efetivamente as aulas, usar recursos de maneira adequada e fazer com que os alunos participem plenamente, além de oferecer apoio adequado aos alunos (PEREIRA; SILVA, 2021).

Os professores desconhecem a dislexia e que possuem dificuldade em classificar a causa, identificar o problema e, até mesmo, realizar a adequada intervenção para que o aluno supere as dificuldades em sala de aula. Frequentemente, as impressões do professor relacionadas às habilidades do aluno contribuem significativamente para prever quem passará por problemas de leitura e escrita. Considerando que os anos iniciais de escolarização são cruciais no que diz respeito ao aprendizado da leitura, o professor tem um papel fundamental na identificação de um problema relacionado à habilidade de leitura (TABQUIM *et al.*, 2016, p. 138)

É importante por outro lado, investir em compartilhamento e construção de redes de trabalho colaborativo para mudar as práticas pedagógicas dos professores. Esta mudança pode ser alcançada através de movimentos pedagógicos ou comunidades de prática, já que

eles fortalecem o sentimento de pertencimento e identidade profissional dos professores, o que é crucial para que eles transformem suas práticas (CANCELA, 2014; MEDEIROS, 2006).

A perspectiva sobre a educação inclusiva na dimensão didático-curricular é que ela permite que os estudantes com necessidades educativas especiais participem das mesmas atividades que os demais, aprendendo o mesmo material, embora de maneiras diferentes. Apesar de, em alguns contextos escolares, muitos professores encontrarem dificuldades em implementar estratégias de intervenção adequadas aos alunos com dislexia devido ao elevado número de estudantes por turma. Além disso, a falta de recursos humanos e materiais nas escolas também dificultam a criação de ambientes educativos e pedagógicos personalizados que estimulem o desenvolvimento pessoal e social da aprendizagem e garantam o sucesso escolar destas crianças (CIDRIM; MADEIRO, 2017; GLAT *et al.*, 2003).

É válido destacar que não somente o professor, mas é também responsabilidade do estado, enquanto provedor da educação básica, oferecer condições e recursos adequados e proporcionar adaptações ao currículo formador para atender a essas necessidades. Um professor que tenha uma maior preparação técnica a nível pedagógico será mais propenso a fazer mudanças em suas técnicas e atitudes (LUMERTZ, 2020; PEREIRA; SILVA, 2021).

Frente ao contexto de aquisição da linguagem, é fundamental que os facilitadores da educação proporcionem um ambiente reforçador de aprendizagem, ou seja recompensativo para as ações das crianças, a fim de promover o desenvolvimento linguístico. De acordo com a perspectiva cognitiva comportamental, a resposta a um estímulo pode ser compreendida como uma consequência externa, que, se positivamente reforçada, pode conduzir à repetição desse comportamento em situações futuras. Por outro lado, se o comportamento for reforçado negativamente, o indivíduo tende a desenvolver estratégias de fuga/esquiva, reduzindo de frequência o engajamento em tarefas que causem algum tipo de aversão (ALVES *et al.*, 2011; FEITOSA; DELL PRETTE; FRANK, 2003).

A efetividade de intervenções está intimamente relacionadas ao papel crucial dos estímulos no desenvolvimento das funções executivas da criança, além de influenciar outros aspectos, como memória, inibição motora e autorregulação afetiva. De acordo com Silva e Capellini (2015), o objetivo principal das intervenções é que a criança adquira e desenvolva um conjunto de estratégias específicas para realizar as diversas aprendizagens. Diferentes modelos ou métodos de intervenção são utilizados, todos com o objetivo comum de minimizar ou eliminar as dificuldades do indivíduo e melhorar seu desempenho (LUMERTZ, 2020; LIMA, 2011; JESUS, 2007).

A despeito da condição disfuncional da criança disléxica, fatores contingenciais relacionados ao professor podem ser agregados, como a inexistência de disciplinas específicas no currículo de sua formação, a inexperiência profissional, a inconsistência da atuação didático-pedagógica, ou, ainda, a desatualização profissional. As transformações vertiginosas da alta tecnologia exigem uma educação permanente, que permita a continuidade dos estudos e o acesso às informações sobre a prática educativa. Compete ao professor, entretanto, a elaboração individual, a partir de suas próprias condições e vivências (TABAQUIM *et al.*, 2016, p. 134).

As implicações práticas da atuação do professor envolvem uma série de fatores, como sua formação e interação com alunos disléxicos, a adoção de metodologias de ensino adequadas ao contexto escolar, familiar e profissional. Essas variáveis devem ser consideradas para garantir o suporte e a adaptação necessários ao processo de aprendizagem do aluno com dislexia. Para oferecer uma intervenção eficaz aos alunos com dislexia, é importante levar em conta todas as suas características e ser sensível a suas necessidades. O professor deve estar atento ao que é melhor para o aluno, orientar os pais sobre como ajudar em casa e trabalhar em conjunto com equipes multidisciplinares para oferecer uma abordagem específica e eficaz. Assim, o professor não ficará limitado por circunstâncias além de sua responsabilidade e capacidade de decisão. (ALVES *et al.*, 2011; CANCELA, 2014).

[...] o professor deve centrar sua atenção na forma como, sob variadas condições, cada aluno desempenha as tarefas na sala de aula e adaptar as condições que tenham mais probabilidades de facilitar a aprendizagem (HENNIGH, 2003, p. 39-40).

Nos últimos 20 anos, a pesquisa sobre dislexia no Brasil tem se concentrado em entender as particularidades da condição no contexto brasileiro. Um estudo de 2010, por exemplo, investigou a percepção de professores em relação à dislexia e identificou a falta de formação específica sobre o tema como uma das principais barreiras para a identificação e atendimento adequado de alunos com dislexia (BARADEL *et al.*, 2010). Outra pesquisa de Pinto e Matos, (2016, p.10) propôs uma intervenção pedagógica específica para alunos com dislexia, com o objetivo de desenvolver habilidades leitoras e escritoras. “A melhor maneira de se trabalhar com um disléxico é explorando a aprendizagem multissensorial com o lúdico”[...]. O estudo mostrou que a intervenção foi eficaz para melhorar o desempenho desses alunos, e sugere que intervenções pedagógicas específicas podem ser uma estratégia importante para atender às necessidades dos alunos com dislexia.

Em um estudo mais recente de 2019 avaliou-se a efetividade de um programa de treinamento para professores de escolas públicas sobre a dislexia e suas estratégias de ensino (SILVA *et al.*, 2019). Os resultados mostraram que o programa de treinamento teve um

impacto positivo na compreensão dos professores sobre a dislexia e suas implicações pedagógicas, indicando que a formação de professores pode ser uma estratégia importante para melhorar a educação inclusiva de alunos com dislexia.

Além disso, é fundamental adotar outras medidas que possam aprimorar o desempenho do estudante, como por exemplo, respeitar o seu ritmo de aprendizado, elogiar sua inteligência e jamais rotulá-lo como lento ou pouco inteligente. É importante também promover atividades que estimulem a consciência fonológica durante as aulas, independentemente da disciplina, encorajando a autoconfiança do aluno e evitando situações que possam constrangê-lo, como ler em voz alta para a turma (PINTO; MATOS, 2016).

Pode-se considerar que de acordo com Rodrigues e Ciasca, (2016) eficácia da intervenção para crianças com dislexia depende em grande parte da atuação da escola, já que é onde a criança passa a maior parte do tempo. A colaboração com especialistas é essencial e provavelmente será necessária ao longo do desenvolvimento da criança com dislexia. É importante ter em mente que essa é uma parceria, pois sem ela, há o risco de fracasso escolar com todas as suas consequências. É importante ressaltar que o processo de intervenção escolar não acaba quando a criança com dislexia aprende a ler e escrever, já que a compreensão da leitura geralmente é afetada. Portanto, durante todo o processo educativo, a criança pode precisar de atenção especializada.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Identificação do tema e seleção da questão de pesquisa

Antes de iniciar uma pesquisa, é necessário escolher um tema, mas como ele pode ser muito amplo, é importante identificar o problema para delimitá-lo. Essa definição ajudará a criar hipóteses e a organizar o trabalho. Ao mesmo tempo, é importante buscar fontes para apoiar ou esclarecer as hipóteses e resolver o problema. Para encontrar essas fontes bibliográficas, é recomendável pesquisar obras recentes, como artigos e teses dos últimos 15 anos, já que a ciência está sempre em constante evolução e estudos mais antigos podem levar a soluções desatualizadas. A escolha do tema para uma pesquisa pode ser motivada por uma dúvida, observação ou questionamento que o pesquisador deseja investigar e solucionar, relacionado ao seu cotidiano, ao seu trabalho ou aos seus estudos, com o objetivo de aprofundar e desenvolver o objeto de estudo em questão (SOUZA; OLIVEIRA; ALVES, 2021).

Ao se discutir a temática das dificuldades de aprendizagem no âmbito escolar surge diversas conjecturas acerca da responsabilidade pelo insucesso dos alunos. É comum atribuir essa responsabilidade ao próprio aluno, por supostamente não ter habilidade para aprender, ao professor, por eventualmente não ter as habilidades adequadas para ensinar, o distanciamento entre a teoria das políticas públicas e a prática escolar, ou ainda à família, por não oferecer o suporte necessário para que o estudante tenha sucesso acadêmico. A escola também é apontada como responsável, muitas vezes por falta de preparo e estrutura em oferecer condições adequadas de aprendizagem para seus alunos.

A partir da prática pedagógica, é possível identificar diversos fatores que podem se apresentar-se como desafios e implicações na educação infantil de alunos com dislexia. Ser um professor competente e eficiente requer habilidades técnicas, como uma formação especializada, e habilidades interpessoais, como a paciência, adaptação, criatividade, inteligência emocional e flexibilidade para lidar com diferentes desafios. Lidar com o aluno disléxico traz muitas implicações, e exige que as escolas se adaptem à diversidade desses alunos.

Consoante a esse contexto, o presente trabalho buscou responder a seguinte questão norteadora: Qual é a percepção da comunidade científica sobre as implicações da dislexia na Educação Infantil e como essas implicações afetam o processo de aprendizagem dos alunos com dislexia.

2.1.1 Instrumentos

Esse estudo consistiu metodologicamente em uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, cujo propósito foi realizar um mapeamento das implicações da dislexia na prática pedagógica em estudos relacionados à dislexia em crianças.

De acordo com Turato (2005), a pesquisa qualitativa tem como principal enfoque os dados qualitativos, que consistem nas informações coletadas pelo pesquisador que não são expressas em números. Quando há dados numéricos, eles não possuem tanta relevância na análise quantas outras informações coletadas. Essa abordagem de pesquisa é caracterizada pela observação direta dos fenômenos e pela sistematização progressiva do conhecimento adquirido, levando a uma compreensão lógica interna do grupo ou do processo em estudo. Essa abordagem de pesquisa não se baseia em análises estatísticas, priorizando, ao invés disso, informações qualitativas obtidas através da coleta de dados.

O objetivo dessa metodologia de pesquisa é fornecer uma visão geral dos estudos realizados sobre o tema, avaliar a qualidade da evidência e identificar lacunas e pontos fracos na literatura existente segundo (SAMPAIO; MANCINI, 2007, p. 84-85).

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Nessa mesma perspectiva, Lakatos e Marconi (2010, p. 269), afirmam que, “a metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, etc.”. Esse processo inclui a definição clara do objetivo da revisão, a identificação dos estudos relevantes, a avaliação da qualidade dos estudos incluídos e a síntese dos resultados. Seguindo essa concepção, a pesquisa em questão se enquadra nessa metodologia, uma vez que busca compreender quais as implicações da dislexia infantil na atuação do professor.

2.1.2 Fonte de busca de dados

Para a identificação dos estudos, realiza-se a leitura criteriosa dos títulos, resumos e palavras-chaves de todas as publicações completas localizadas pela estratégia de busca, para posteriormente verificar sua adequação aos critérios de inclusão do estudo. Nos casos em que o título, o resumo e as palavras-chave não sejam suficientes para definir sua seleção, busca-se a publicação do artigo na íntegra. A partir da conclusão desse procedimento, elabora-se uma tabela com os estudos pré-selecionados para compor a revisão (BOTELHO, CUNHA, MACEDO, 2011).

Para tanto, foi feita uma pesquisa bibliográfica na base de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Google Scholar, no período de janeiro a abril de 2023. As palavras-chave inicialmente utilizadas foram: “dislexia”, “educação infantil”, “transtorno de aprendizagem”, “desafios da dislexia na prática pedagógica”. A análise foi realizada com base em estudos publicados no período de 2012 a 2022.

Para a seleção dos estudos, foram adotados critérios de inclusão que limitaram a escolha a produções em língua portuguesa (artigos, teses e dissertações) que estavam diretamente relacionadas à questão norteadora deste estudo. Por outro lado, foram estabelecidos critérios de exclusão que eliminaram estudos que se repetiam nas bases de dados pesquisadas e que não atendiam aos requisitos estabelecidos pela questão norteadora. Mediante aos critérios iniciais, foi realizada uma busca por (artigos, teses e dissertações) que contivessem as palavras-chave selecionadas nos seguintes campos: título, resumo e palavras-chave.

2.1.3 Resultados da Pesquisa Bibliográfica

A busca de dados resultou um total de 535 artigos. Na plataforma Scielo, a partir da combinação dos termos, foram encontrados 195 artigos, no portal de periódicos da Capes foram encontrados 18 artigos e no Google Scholar foram encontrados 322 artigos.

Para encontrar os estudos relevantes, a busca foi iniciada por meio do acesso eletrônico as bases de dados SCIELO, Google Scholar e CAPES, utilizando os descritores acima listados. As estratégias para acessar as bases de dados foram ajustadas de acordo com suas características específicas, como o uso do operador booleano "and" e aspas para

combinar descritores na busca. Depois de ler os títulos e resumos, os estudos foram selecionados de acordo com os critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos.

Foram utilizados os termos "dislexia infantil" nas bases de dados, que gerou mais de 500 estudos. Para manter o foco no tema específico das implicações da dislexia, foi necessário utilizar um operador booleano. O termo "dislexia infantil and "implicações na educação" and "atuação do professor na dislexia" resultou em 150 estudos. Portanto, todos os 150 artigos foram analisados de acordo com os critérios de inclusão e exclusão. Dos 45 estudos que abordavam a temática, alguns não atenderam a todos os critérios de inclusão e exclusão e foram eliminados, restando apenas 32 estudos que foram selecionados de acordo com os critérios pré-determinados.

Os artigos identificados pela estratégia de busca foram avaliados independentemente e que atendiam aos critérios de inclusão: (a) abordagem da temática "dislexia na educação infantil"; (b) enfoque nas implicações práticas da dislexia para a atuação do professor; (c) descrição de estudos empíricos ou revisões sistemáticas, tempo de busca em um período de 10 anos (entre os anos de 2012 a 2022). Os critérios de exclusão utilizados foram a falta de relação com o tema da pesquisa, estudos duplicados, falta de acesso ao texto completo e estudos em outros idiomas que não o português.

Com base nesses filtros, as palavras-chave estabelecidas foram: dislexia na educação infantil, implicações da dislexia, e atuação do professor na dislexia. Após a realização da busca nas bases de dados selecionadas, os estudos obtidos foram avaliados de forma rigorosa e sistemática. Foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão para selecionar os trabalhos que atendiam aos objetivos da pesquisa. Após a aplicação desses critérios, foram selecionados 14 artigos que foram incluídos nesta pesquisa bibliográfica.

2.1.3 Análise e interpretação dos resultados

Nesta etapa, a partir da interpretação e síntese dos resultados, comparam-se os dados evidenciados na análise dos artigos ao referencial teórico. Além de identificar possíveis lacunas do conhecimento, é possível delimitar prioridades para estudos futuros. Contudo, para proteger a validade da revisão integrativa, o pesquisador deve salientar suas conclusões e inferências, bem como explicitar os vieses. (SOUZA, SILVA, CARVALHO, 2010).

Para facilitar a organização dos dados e permitir uma análise mais precisa dos resultados, os artigos selecionados foram inseridos em uma planilha do Excel. Nessa planilha, foram registrados os seguintes dados para cada artigo: título, autores, ano de publicação,

objetivo e principais resultados. Essa abordagem permitiu uma compilação estruturada e ordenada das informações relevantes, facilitando a interpretação dos resultados obtidos.

No Quadro 1 são apresentados os resultados decorrentes das buscas realizadas nas bases de dados já mencionadas.

Quadro 1 – Resultado das buscas encontradas nas bases de dados entre o período de 2012 a 2022.

Título	Autor e ano	Objetivo	Principais Resultados
Desempenho ortográfico de escolares com dislexia e dificuldades de aprendizagem.	Chiaramonte; Capellini (2022)	Caracterizar e comparar o desempenho ortográfico dos escolares com Dislexia, Dificuldades de Aprendizagem e bom desempenho acadêmico.	Foi observado que os perfis ortográficos de alunos com dislexia e dificuldades de aprendizagem são semelhantes, enquanto o perfil dos alunos com bom desempenho acadêmico é diferente dos outros grupos.
Dislexia: um estudo de caso com possibilidades de intervenção pedagógica.	Amaral et., al (2021)	Entender o disléxico e fornecer aos educadores informações úteis sobre como ajudar o aluno, considerando suas habilidades e necessidades específicas.	Se diagnosticada no início os resultados de possíveis intervenções podem obter mais sucesso, ou seja, o indivíduo vai melhorar o processo de ensino e aprendizagem mais facilmente.
Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção.	Rodrigues; Ciasca (2016)	Abordar os principais conceitos relativos à dislexia, sua identificação e algumas possibilidades de intervenção.	É essencial identificar precocemente e realizar intervenções adequadas para minimizar os efeitos negativos da dislexia. Isso requer conhecimento sobre a diversidade encontrada no transtorno e a capacidade de adaptar a intervenção às dificuldades individuais da criança.
Dificuldade de aprendizagem e subjetividade: Para além das representações hegemônicas do aprender.	Bezerra Maria dos Santos (2014)	Compreender como o processo de aprendizagem é configurado subjetivamente por alunos que apresentam dificuldades na aquisição dos conteúdos escolares	A configuração subjetiva das dificuldades de aprendizagem é complexa na vida da criança. Os sentidos subjetivos que surgem durante uma atividade escolar específica e que prejudicam o desenvolvimento das operações intelectuais não têm uma causa padronizada.
Tecnologias da Informação e da comunicação (TIC) aplicadas à dislexia: revisão de literatura.	Cidrim; Madeiro, (2017)	Apresentar uma revisão integrativa da literatura, contemplando artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais que abordam o uso das tecnologias da informação e da comunicação	Várias ferramentas para avaliar a leitura e a compreensão de textos, softwares e e-readers para melhorar o desempenho de leitura em indivíduos com dislexia, ambientes virtuais e recursos multimídia.

A dislexia: problemas e intervenções durante o processo de alfabetização.	Correa, (2012)	O objetivo principal foi buscar informações sobre a dislexia, incluindo sugestões e ideias que possam diminuir a problemática.	A escola tem a responsabilidade de orientar os professores, planejar e fornecer assistência pedagógica, recursos e materiais necessários para lidar com distúrbios de aprendizagem, incluindo a dislexia. Já o papel da família é reconhecer e compreender os distúrbios que o filho pode apresentar e seguir as orientações de um especialista, além de ser participativa no processo educacional das crianças.
Práticas pedagógicas de leitura e escrita direcionadas a estudantes com diagnóstico de dislexia: o olhar de professores do ensino fundamental I.	Góes (2015)	Analisar os sentidos que professoras do ensino fundamental I atribuem as práticas pedagógicas de leitura e escrita desenvolvidas com estudantes diagnosticados com dislexia.	Os resultados indicaram que a maioria das professoras possui experiência significativa no uso de estratégias de ensino para desenvolver habilidades de leitura e escrita em alunos com dislexia.
Conhecimento de professores do ensino fundamental sobre dislexia.	Nascimento; Rosal; Queirogal (2018)	Descrever o conhecimento de professores do ensino fundamental sobre a dislexia em crianças.	Através da análise de conteúdo, foi possível identificar três categorias temáticas: 1) A formação dos professores não aborda o tema da dislexia; 2) Sentimentos e dificuldades enfrentados pelo professor alfabetizador ao lidar com o desafio da alfabetização; 3) Desafios enfrentados pela escola ao lidar com a falta de conhecimento sobre dislexia e como lidar com possíveis crianças disléxicas.
Retratos da Dislexia no Brasil: análise bibliográfica do período de 2002 a 2014.	Oliveira, (2016)	Analisar a produção acadêmica de teses e dissertações desenvolvidas durante o período de 2002 a 2014, com a finalidade de compreender a maneira como a concepção de dislexia vem sendo desenvolvida e quais as suas implicações para a educação escolar.	As considerações deste estudo apontaram que a hegemonia do pensamento científico que define a dislexia como um distúrbio neurobiológico pode estar impedindo o desenvolvimento de novas percepções sobre o fenômeno e também cristalizando a concepção de condição incapacitante, o que segue à contramão das propostas de educação inclusiva.

Ansiedade e autoestima associadas ao baixo desempenho escolar em estudantes com dislexia de desenvolvimento: uma revisão integrativa.	Pereira; Silva (2021)	Investigar sobre ansiedade e autoestima associadas ao baixo desempenho escolar em estudantes com dislexia	Foi possível perceber que os estudantes com dislexia apresentaram um perfil emocional-comportamental, caracterizado por menor autoestima e maior ansiedade em relação aos fatores emocionais, além de maiores problemas comportamentais que os estudantes sem dislexia.
O papel do professor e a contribuição da psicopedagogia para a inclusão do estudante com dislexia.	Santiago; Omodei, (2016)	Analisar o papel do professor no processo de ensino aprendizagem de uma criança com dislexia	Os resultados indicam que a escola deve se tornar um lugar de inclusão, oferecendo atenção e cuidados adequados aos alunos com dislexia, orientados por uma equipe multidisciplinar e apoiados tanto pela sociedade quanto pela família.
Método repetitivo para disléxicos: como diagnosticar e desenvolver habilidades de leitura em disléxicos	Silva, (2019)	Evidenciar as principais manifestações de bloqueio da linguagem do disléxico, e apresentar um método para desenvolver habilidades de leitura em disléxicos	A estimulação educacional multissensorial na educação básica é a estratégia mais citada na literatura, acredita-se que o Método Repetitivo para Disléxicos exposto neste estudo atende as necessidades básicas solicitadas pelos diferentes autores.
Eficácia de um programa de intervenção fonológica em escolares de risco Para a dislexia	Silva; Capellini, (2015)	Verificar a eficácia de um programa de intervenção fonológica em escolares de risco para a dislexia.	O programa de intervenção fonológica foi bem sucedido em ajudar os alunos em risco para a dislexia a desenvolverem suas habilidades de consciência fonológica, melhorando seu desempenho em leitura e escrita.
Mediação docente de alunos com dislexia: um olhar investigativo na perspectiva inclusiva	Souza, (2020)	Compreender como os docentes realizam a mediação com alunos com dislexia na escola pública no Ensino Fundamental I.	Os resultados indicam que os alunos com dislexia estão presentes na escola e frequentam as aulas, no entanto, não há um planejamento claro e objetivo entre os professores para estabelecer estratégias interdisciplinares que orientem a mediação do aprendizado desses alunos em diferentes áreas do currículo.

O objetivo do presente estudo consistiu em investigar as implicações da dislexia na educação infantil, com foco no debate científico. Em linhas gerais, os resultados obtidos apontaram para a necessidade de as instituições educacionais promoverem uma abordagem inclusiva e acessível a todos os alunos, independentemente de suas diferenças e condições de aprendizagem. Isso requer uma compreensão aprofundada das necessidades individuais de cada criança disléxica, bem como a adoção de estratégias pedagógicas que promovam a

participação ativa dos alunos em sala de aula. É importante que haja um trabalho colaborativo entre pais, educadores e profissionais de saúde, levando em consideração aspectos sociais, emocionais, políticos e a subjetividade de cada aluno em termos de aprendizagem. Além disso, os autores destacam a necessidade de implementação de políticas públicas voltadas a temática, a fim de garantir que elas tenham acesso a uma educação de qualidade e equitativa, bem como a formação continuada e especializada dos profissionais também se mostraram fundamentais para o êxito da abordagem pedagógica da dislexia.

Segundo os resultados apresentados por (CHIARAMONTE; CAPELLINI, 2022, p.324) em um estudo comparativo denominado: “Desempenho ortográfico de escolares com dislexia e dificuldades de aprendizagem”, do ponto de vista fonológico, os alunos com dislexia cometem mais erros ortográficos naturais em ditados devido a déficits na organização fonológica. Esses déficits resultam em erros de alteração na ordem dos segmentos, omissão de segmentos e adição de segmentos. “os erros de conversão fonográfica unívoca, ou seja, a substituição de [p] por [b], [t] por [d], [f] por [v] e demais substituições que podem ser nomeadas como surdo-sonoras”. Nesse aspecto, a tese de doutorado realizada por Oliveira (2016), apresentou que as professoras enfatizaram a importância de metodologias diversificadas de alfabetização para favorecer a apropriação da língua escrita pelo estudante com dislexia, especialmente no que se refere à consciência fonológica, como sendo um dos fatores a serem considerados no processo educacional.

A percepção dessas características nos anos iniciais escolares, é crucial para se realizar intervenções específicas. Assim o estudo realizado por Amaral et., al (2021) com o título é a “Dislexia: um estudo de caso com possibilidades de intervenção pedagógica”, demonstrou que, identificar precocemente a dislexia é fundamental para o sucesso escolar do aluno, pois intervenções apropriadas com a ajuda de professores de apoio podem melhorar seu desempenho escolar. Portanto, tanto os professores quanto a família devem estar cientes dos sinais indicativos da dislexia na criança, e quanto mais cedo o transtorno for detectado, melhores serão as chances de intervenção efetiva. A participação ativa da família é essencial para apoiar a criança na escola, acompanhando o processo educacional proposto pela instituição e estabelecendo horários para atividades em casa, além de transmitir afeto e suporte emocional. Os autores argumentam ainda que, não é preciso que a criança com dislexia seja colocada em uma sala separada, pois ela tem muito a contribuir e a receber dos demais colegas. Para ajudar no processo de aprendizagem, é recomendável que o professor apresente o conhecimento de forma fragmentada, pois o aluno disléxico tende a responder

melhor a partes do que a um todo. É essencial estimular e incentivar o aluno para construir sua autoestima e influenciar positivamente no processo de aprendizagem.

A participação dos profissionais, o diagnóstico precoce e adaptações específicas também são defendidas por (RODRIGUES; CIASCA, 2016), nesse ponto, os autores apresentam uma série de intervenções que contribuem para a eficácia do ensino de crianças com dislexia. Os principais resultados incluem: descrição das características da dislexia, como dificuldades na decodificação, compreensão de textos e habilidades de escrita, identificação dos fatores de risco associados à dislexia, como histórico familiar, problemas de visão e audição, e falta de estimulação da linguagem na primeira infância, discussão sobre as formas de identificação da dislexia na escola, incluindo a observação dos comportamentos e desempenho acadêmico dos alunos, a realização de avaliações psicopedagógicas e a utilização de testes específicos. Além disso, é fundamental que estejam cientes dos encaminhamentos a serem realizados, como atendimentos psicopedagógicos e fonoaudiólogos, para garantir uma resposta mais rápida às intervenções e melhorar a autoestima e o processo de aprendizagem desses estudantes (CAPOVILLA, 2007).

Cidrim; Madeiro (2017, p. 108), analisaram vários artigos que apresentaram opções interessantes para avaliação e intervenção em casos de dislexia. Os autores discutem o papel das TIC na educação, enfatizando a importância dessas ferramentas para alunos com dificuldades de aprendizagem. Eles revisaram estudos que utilizaram diferentes tipos de TIC, como softwares de leitura, tablets, jogos educativos, entre outros, para auxiliar no ensino da leitura e escrita para alunos disléxicos. Algumas das alternativas destacadas foram: “ferramentas para avaliação de leitura e compreensão de textos, softwares e e-readers utilizados para promover melhor desempenho de leitura em disléxicos, ambientes virtuais e recursos multimídia.”

É possível observar que, de forma geral, os estudos publicados buscam desenvolver e utilizar ferramentas tecnológicas que possam auxiliar no desempenho do disléxico no aprendizado da leitura e da escrita. Apesar dos benefícios, é importante destacar que o uso da tecnologia não substitui o trabalho do professor e dos profissionais de saúde, mas sim pode ser uma ferramenta complementar ao tratamento e ensino de crianças com dislexia.

Do ponto de vista das variáveis que implicam na prática pedagógica, características inerentes ao transtorno de aprendizagem como: dificuldades de leitura e compreensão textual, dificuldades de escrita, memória, atenção, baixa autoestima, frustração, ansiedade e problemas comportamentais. É viável argumentar que o desempenho inadequado

na habilidade de leitura pode ser explicado por fatores externos, tais como um ensino precário ou um ambiente linguístico limitado ou problemático, que restringe as oportunidades de aprendizado e aprimoramento das competências de leitura. (CHIARAMONTE; CAPELLINI, 2022; TABAQUIM et., al, 2016).

Em um estudo investigativo que teve por objetivo compreender as dificuldades de aprendizagem a partir de uma perspectiva que considera não apenas aspectos cognitivos, mas também subjetivos e sociais. Concluiu-se que a crença de que as intervenções educacionais devem ser pautadas em buscar um diagnóstico que pudesse justificar a não aprendizagem, do que em estratégias pedagógicas efetivas que pudessem impulsionar o desenvolvimento das crianças. O processo de aprendizagem na escola é influenciado tanto pela subjetividade individual do aprendiz como pela subjetividade social da instituição escolar na qual ele está inserido. Isso significa que as crenças e ideias dos professores sobre como se dá o aprendizado e o desenvolvimento podem impactar diretamente as práticas em sala de aula voltadas para as crianças. Observou-se nos casos apresentados que a escola tinha uma compreensão predominante de abordagem biomédica das dificuldades de aprendizagem, o que afetava a sua subjetividade social. A comunidade escolar entendeu as dificuldades de aprendizagem como algo que desvia do que é considerado normal, o que resultou na falta de consideração da importância da dimensão social e relacional da aprendizagem (BEZERRA, 2014).

A ideia da subjetividade presente na aprendizagem é corroborada por Lima (2018), quando afirma que, é crucial ressaltar que cada aluno apresenta resultados diferentes, uma vez que cada um possui uma experiência, oportunidades e acesso à educação distintos. Mesmo que compartilhe a dislexia como fator em comum, essa condição não se manifesta da mesma forma em todos, mas é única em cada um. Além disso, nas relações entre professor aluno e a família, a interpretação varia conforme destaca (TABAQUIM et., al, 2016), os educadores podem ter a percepção de que o aluno com dislexia é distraído, enquanto os pais podem associar as dificuldades escolares a comportamentos que refletem falta de interesse nos estudos. O próprio aluno pode se considerar incapaz, tendo seu autoconceito e autoestima afetados devido às diversas situações de fracasso no dia a dia, principalmente no ambiente escolar.

O estudo conduzido por Oliveira, (2016) com o título “Retratos da Dislexia no Brasil: análise bibliográfica do período de 2002 a 2014, ” demonstrou que apesar das inconsistências, a concepção dominante de dislexia ainda orienta a elaboração de estudos e estratégias de ensino, sem levar em conta aspectos inerentes ao desenvolvimento humano,

como os processos socioculturais e históricos, e a forma como as relações com os instrumentos culturais se estabelecem para a mediação dessas e de novas relações. A pesquisa constatou ainda que, é que os sistemas de ensino não têm se empenhado em compreender como as crianças estabelecem relações com a linguagem escrita. Em vez disso, as práticas de escrita inconsistentes são assumidas como um resultado final e rótulos são atribuídos às crianças que não apresentam os resultados esperados.

Na perspectiva da educação inclusiva, é fundamental considerar a adaptação pedagógica e a formação continuada e especializada dos profissionais, uma vez que esses aspectos estão interconectados no contexto da escola inclusiva. Os resultados indicam que os professores reconhecem a importância de intervenções pedagógicas específicas para alunos com dislexia e que buscam adaptar suas práticas de ensino para atender às necessidades desses alunos. No entanto, na prática foi observado que esses professores enfrentam desafios no processo de adaptação, como a falta de formação adequada, falta de recursos e materiais específicos para o trabalho com alunos disléxicos e o desconhecimento acerca da temática dislexia. Os autores ressaltam a importância de que o atendimento educacional especializado esteja incorporado na proposta pedagógica da escola, envolva a família do aluno e esteja em consonância com outras políticas públicas em vigor (CORREA, 2012; GÓES, 2015; NASCIMENTO; ROSAL; QUEIROGAL, 2018).

A despeito dos aspectos emocionais implicados na dislexia, a falta de informação e o tratamento discriminatório que a sociedade direciona a pessoas diferentes pode ser mais prejudicial do que a própria deficiência. Muitas vezes, esses alunos são estereotipados como “preguiçosos, burros, arrogantes, etc.; ocasionando uma intensificação do baixo desempenho escolar, insegurança e a falta de autoestima nestes sujeitos” (PEREIRA, 2021, p. 18). A maioria dos estudos analisados nessa amostragem aborda a relação entre baixo desempenho escolar e ansiedade como uma possível consequência. Por outro lado, a autoestima é descrita como uma dimensão vulnerável tanto emocional quanto interpessoal em crianças com dislexia.

Para manejar os efeitos da dislexia ao nível da autoestima e confiança do aluno disléxico, (CANCELA, 2014 p. 99), postula a importância de valorizar pequenas conquistas, “não expor o aluno à turma, na leitura e na escrita; constante motivação e encorajamento; boa relação afetiva/construir uma boa relação com o aluno, estimular a participação do aluno”, para tanto destaca a autora, faz necessário o conhecimento aprofundado pelos profissionais da educação acerca do tema. Nesse sentido, é crucial que os professores recebam uma formação

adequada sobre os transtornos de aprendizagem, a fim de adaptar sua metodologia para atender às necessidades desses alunos (CAPOVILLA, 2007).

No que diz respeito ao papel do professor, um estudo apontou que, o profissional em questão exerce uma influência que vai além da mera observação ou passividade, indo além do simples compartilhamento de conhecimento e envolvendo uma conexão humana empática e uma necessidade de se aproximar da criança. Ao lidar com esse público, é fundamental evitar rotulá-las ou excluí-la, ao contrário, a inclusão dessas crianças na escola e na sociedade deve ser realizada destacando suas habilidades e reduzindo a ênfase em suas dificuldades de leitura. Nesse contexto, o professor desempenha um papel crucial ao avaliar a criança disléxica e incluí-la em atividades que promovam seu desenvolvimento, “Ao iniciar jogos, rimas, avaliações, preferindo a oralidade, auxiliando com tempo extra ao disléxico para que no seu ritmo alcance a compreensão da palavra ou das regras do jogo” (OMODEI; SANTIAGO, 2016, p. 49).

Esse estudo reforça a perspectiva da cartilha de Inclusão Escolar (2014, p. 25), em seu artigo 77 ao recomendar que:

Professores de Educação Infantil devem desenvolver estratégias para estimulação de habilidades fonológicas (por exemplo, rima e aliteração) e auditivas (por exemplo, as crianças discriminarem sons fortes de sons fracos, altos e baixos, longos e curtos). Devem ser estimuladas as recontagens de histórias na oralidade, a fim de promover a organização temporal, coerência e planejamento da criança. Vale lembrar que as atividades devem ser sistematizadas, organizadas em graus de complexidade, conforme a idade e escolaridade.

Outra estratégia que se mostrou eficaz, trata-se de uma pesquisa conduzida por Silva (2019), que teve por escopo analisar as formas de intervenção na educação para alunos com diagnóstico de dislexia, o resultado demonstrou que a literatura frequentemente destaca a estimulação educacional multissensorial como a estratégia mais eficaz para o desenvolvimento de habilidades de leitura em indivíduos com dislexia. Sugere-se que o Método Repetitivo para Disléxicos, atende às necessidades básicas, pois este método é capaz de conduzir o desenvolvimento da habilidade cognitiva dos disléxicos por meio de práticas repetitivas e atividades que ajudam a melhorar a fluência na leitura.

Com base nos resultados do estudo de Silva e Capellini (2015), foi possível constatar que o programa de intervenção fonológica proposto pelos autores foi eficaz em melhorar o desempenho de escolares com risco de desenvolver dislexia em habilidades de leitura e escrita. Especificamente, houve uma melhora significativa na capacidade dos participantes em reconhecer e produzir palavras, além de terem apresentado uma maior

precisão na leitura e escrita de pseudopalavras. É importante que o processo de aprendizagem da leitura e escrita esteja diretamente relacionado à linguagem oral, enfatizando o ensino das relações entre os sons e as letras, de modo a garantir que a linguagem escrita tenha uma correspondência fonológica adequada ao ser lida

Os resultados também sugerem que o programa de intervenção fonológica é uma estratégia promissora para a prevenção da dislexia, já que a intervenção foi aplicada em escolares que apresentavam fatores de risco para o desenvolvimento dessa condição. No entanto, os autores também apontaram algumas limitações e destacaram a necessidade de novos estudos para avaliar a generalização dos efeitos do programa para outras habilidades relacionadas à leitura e escrita, assim como para confirmar a sua eficácia em um período de tempo mais longo.

Em última análise a tese de doutorado de Souza (2020), que buscou investigar como a mediação docente pode ser aprimorada para atender às necessidades educacionais de alunos com dislexia, enfatizou adaptações no processo de mediação para alunos com dislexia, o que pode envolver a flexibilização do currículo para atender às necessidades educacionais específicas desse público, dentro de uma prática pedagógica que implique atender a real necessidade educacional do aluno.

A forma como os níveis de ajuda eram colocados em prática se afastava, em alguns momentos, da real necessidade educacional especial do aluno com dislexia ex: a professora era leitora da criança ou escriba mas os textos que usava para esse fim não eram adaptados; as informações eram repetidas sem levar em consideração os conceitos-chave que deveriam estar sendo abordados para consolidar o conhecimento que estava sendo trabalhado; as atividades quando eram adaptadas não traduziam conteúdos que estavam sendo trabalhados na classe; sentar próximo ao aluno para mediar, na maioria das vezes, acontecia quando o aluno não fazia a atividade ou os colegas não se sentiam à vontade para formar duplas ou grupos com o aluno com dislexia; a utilização dos recursos audiovisuais não se apresentavam como meio de exemplo visual concreto planejado para a aula (SOUZA, 2020 p. 134).

Diante desse contexto, destaca a autora, é importante que as professoras revisem o planejamento das atividades, de forma a torná-las desafiadoras para os alunos com dislexia, e busquem oferecer mediações que incentivem a interação entre os alunos da turma, incluindo a participação do aluno com dislexia nas atividades propostas. Além disso, é recomendado que as professoras priorizem a abordagem multissensorial em seu trabalho de mediação com alunos com dislexia, uma vez que essa abordagem promove a estimulação de partes importantes do cérebro e facilita a retenção a longo prazo (SOUZA, 2020).

Esse resultado é correlato com a literatura, quando Tabaquim (2016) afirma que, cada professor possui responsabilidade compartilhada pelo ensino e encaminhamento da habilidade de leitura. Quando não há orientações claras para uma prática mais efetiva, o ensino da leitura pode parecer desorganizado, levando os professores a agirem por meio de tentativa e erro. É necessário colaborar para o desenvolvimento de uma abordagem educacional mais adequada às circunstâncias práticas da vida, à situação da escola, às influências sociais que a cercam e ao engajamento dos alunos, em particular aqueles que apresentam dificuldades de aprendizagem, como é o caso de crianças com dislexia.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo educacional trata-se um cenário bastante complexo, que envolve muitas implicações e exige habilidades, tanto para o educador, quanto para o aluno. Não é suficiente apenas transmitir o conhecimento, ou ensinar a decodificar as palavras, antes é preciso também dar significado a aprendizagem. O aprimoramento das competências de leitura e escrita é uma das metas essenciais de todo sistema educacional, uma vez que tais habilidades constituem a base para o sucesso em outras áreas do conhecimento e para uma participação ativa e produtiva na sociedade.

De modo geral, o presente estudo proveu dados relevantes sobre as implicações da dislexia na educação infantil, e que seguem trajetórias distintas a nível ambiental, social e político em cada contexto educacional. As diferenças nos contextos exigem abordagens individualizadas e adaptáveis para apoiar seu sucesso acadêmico e enfatizar a perspectiva da escola inclusiva. A pesquisa destacou a necessidade de maior conhecimento sobre a dislexia, uma vez que, muitos professores responsáveis pela alfabetização demonstraram ter uma informação incipiente acerca da temática. A insuficiência de conhecimentos específicos sobre o assunto e, déficits em habilidades necessárias para minimizar ou superar as dificuldades de um aluno, a escola acaba contribuindo para o fracasso educacional dessas crianças. Essa perspectiva está de acordo com o que afirma Shawitz (2008), cuja falta de conhecimento generalizado acerca da verdadeira natureza da dislexia representa um dos maiores obstáculos para que uma criança atinja seu potencial.

A despeito das políticas inclusivas implementadas nas escolas brasileiras, há consequências em várias áreas, incluindo a organização, a abordagem pedagógica e os recursos financeiros. A necessidade de acolher estudantes de diferentes perfis e características apresenta um desafio constante para todo corpo educativo, o que requer uma ampliação de suas funções, em particular para os professores de educação básica. Estes profissionais tem um papel fundamental no desenvolvimento da trajetória escolar de todas as crianças, pois cada vez mais são incumbidos de estarem atentos as especificidades das crianças, bem como à identificação de dificuldades específicas de aprendizagem e necessidades educativas especiais, além de planejar intervenções e avaliações de todo o processo de ensino-aprendizagem, são também responsáveis por analisar os efeitos dos resultados alcançados.

Diante do fenômeno da aprendizagem como um processo único, e que está sob influência de um grande contingente de variáveis, acredita-se que a compreensão da dimensão subjetiva da aprendizagem em uma perspectiva histórico-cultural possibilita o entendimento

das dificuldades de aprendizagem para além dos sintomas emergentes, recuperando a dimensão subjetiva da criança que aprende. Ressalta-se, ainda, que o processo de intervenção escolar não se encerra quando a criança com dislexia aprende a codificar e decodificar palavras e textos, mas é importante ser assistida de forma individualizada durante todo o processo educacional.

No que diz respeito a família, esta constitui-se um dos pilares fundamentais no desenvolvimento da criança, especialmente quando ela possui alguma dificuldade de aprendizagem, como no caso da dislexia. É responsabilidade dos pais ou responsáveis acompanharem de perto o processo educacional da criança, com o apoio adequado, os alunos podem desenvolver suas habilidades e encontrar maneiras de superar os obstáculos que encontram em sua educação. É importante que os responsáveis estejam atentos aos sinais iniciais dessa condição e busquem ajuda profissional o mais cedo possível “o acompanhamento escolar exige, além da presença do responsável, conhecimento, paciência, persistência e compreensão” (TABAQUIM et., al 2016, p. 143).

Além disso, o estudo esboçou que há relações entre as habilidades, as qualificações do professor e desempenho escolar, isso sugere que investir na formação inicial e contínua dos profissionais da educação é uma estratégia fundamental para melhorar a qualidade do ensino e garantir a inclusão desses alunos. Vale enfatizar que essas ações devem ser baseadas em evidências científicas e serem sustentáveis a longo prazo, a fim de garantir a efetividade da abordagem e o sucesso dos alunos com dislexia na educação e na vida em sociedade. Os estudos indicam a urgência de políticas educacionais mais eficazes que incorporem ações educativas e práticas pedagógicas mais precisas para atender a esse grupo específico de alunos. É importante ressaltar que a amostra de estudos analisada constitui apenas uma parcela das pesquisas realizadas sobre a dislexia e educação infantil.

Com base no exposto, é possível observar que os dados apresentam limitações e diversas dificuldades dentro do contexto educacional básico, marcado por incoerência entre políticas e a realidade vivenciada por educadores e alunos, bem como a fragilidade do sistema de educação brasileiro a nível de recursos humanos e estrutura ambiental. É esperado que, além de contribuir para a disseminação do debate sobre as implicações relacionadas a esse transtorno de aprendizagem, o presente estudo possa ser objeto de reflexão acerca da formação dos profissionais de educação. Assim seria relevante aprofundar a compreensão sobre o contexto de formação em dislexia, abrangendo tanto a formação inicial quanto a contínua e/ou especializada dos professores. Ademais, seria interessante estabelecer

comparações entre professores com formação especializada e aqueles com formação contínua, objetivando identificar eventuais disparidades entre esses dois grupos de profissionais.

4 REFERÊNCIAS

ABD. **Associação Brasileira de Dislexia**. Disponível em: <https://www.dislexia.org.br/>. Acesso em: 24 fev. 2023.

ALVES, L. M.; MOUSINHO, R.; CAPELLINI, S. (Org). **Dislexia: novos temas, novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. p. 21-40.

AMARAL, M. A. F.; MOURA, S. S.; MENDONÇA, F. F. M.; SOUSA, G. A. Dislexia: um estudo de caso com possibilidades de intervenção pedagógica. **Revista Amor Mundi**, v. 2, n. 1, p. 7-14, 2021.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARADEL, R. R. **O labirinto da dislexia: definições, diagnósticos, e consequências na vida escolar**. 2010. 132f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Estadual de Campinas, 2010.

BARRETO, M. A. S. C.; VICTOR, L. S. (orgs.). **Inclusão, práticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008. p. 166-175.

BEZERRA, M. S. **Dificuldades de aprendizagem e subjetividade: Para além das representações hegemônicas do aprender**. 2014. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

BRAGA, S. G. **Dislexia: a produção do diagnóstico e seus efeitos no processo de escolarização**. 2011. 166f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade de São Paulo.

BRASIL, **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente**. **Brasília**: Presidência da República, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 06 fev. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da pessoa com deficiência)**. Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 06 fev. 2023.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 13.085 de 8 de janeiro de 2015**. Dispõe sobre o Dia Nacional de Atenção à Dislexia. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13085.htm. Acesso em: 06 fev. 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 06 fev.

2023.

BRASIL. **Lei nº 14.254, de 30 de novembro de 2021**. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para incluir o transtorno do espectro autista no rol das deficiências para fins de acesso às políticas públicas. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 01 dez. 2021. Seção 1, p. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2021/Lei/L14254.htm. Acesso em: 14 fev. 2023.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 7.081 de 2010**. Dispõe sobre o diagnóstico e o tratamento da dislexia e do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade na educação básica. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=484825>. Acesso em: 13 fev. 2023.

CABUSSÚ, M. A. S. Dislexia e estresse: implicações neuropsicológicas e psicopedagógicas. **Revista Psicopedagogia**, v. 26, n. 81, p. 476-485, 2009.

CANCELA, A. L. **As implicações da dislexia no processo de aprendizagem na perspectiva dos professores do 1º ciclo do Ensino Básico**. 2014. 161 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.

CAPOVILLA, A. G. S. Dislexia do desenvolvimento: definição, intervenção e prevenção. *Revista da ABPp*, 2007.

CARTILHA DA INCLUSÃO ESCOLAR. **Inclusão baseada em evidências científicas**. 2014. Disponível em: www.aprendercrianca.com.br/cartilha-da-inclusao. Acesso em: 25 mar. 2023.

CHIARAMONTE, T. C.; CAPELLINI, S. A. Desempenho ortográfico de escolares com dislexia e dificuldades de aprendizagem. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. 1, p. 314–327, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/14610>. Acesso em: 6 mar. 2022.

CAPELLINI, S. A.; SAMPAIO, M. N.; KAWATA, K. H. D. S.; PADULA, N. A. D. M. R.; SANTOS, L. C. A. D.; LORENCETTI, M. D.; SMYTHE, I. Eficácia terapêutica do programa de remediação fonológica em escolares com dislexia do desenvolvimento. **Revista Cefac**, v. 12, n. 1, p. 27-39, 2010.

CARIDA, D. A. P.; MENDES, M. H. A importância do estímulo precoce em casos com risco para dislexia: um enfoque psicopedagógico. **Revista psicopedagogia**, v. 29, n. 89, p. 226-235, 2012.

CASTLES, A.; FRIEDMANN, N. Developmental dyslexia and the phonological deficit hypothesis. **Mind and Language**, v. 29, p. 270-285, 2014.

RODRIGUES, S. D.; CIASCA, S. M. Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. **Revista Psicopedagogia**, v. 33, n. 100, p. 86-97, 2016.

CIDRIM, L.; MADEIRO, F. Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) aplicadas à dislexia: revisão de literatura. **Revista CEFAC**, v.19, n.1, p.99-108, 2017.

CORREIA, L. M. **Dificuldades de Aprendizagem Específica: Contributos para uma Definição Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2008.

CORREA, V. **A dislexia: Problemas e intervenções durante o processo de alfabetização**. 2012. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Orientação Educacional pedagógica) – AVM Faculdade Integrada, Niterói. 2012.

FEITOSA, F. B.; DEL PRETTE, Z. A. P.; MATOS, M. G. Definição e avaliação das dificuldades de aprendizagem (II): os impasses da visão organicista. **Revista de Educação Especial e Reabilitação**, v. 14, p. 102-114, 2007.

FRANK R. **A vida secreta da criança com dislexia**. São Paulo: M. Books do Brasil; 2003.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GLAT, R.; FERREIRA, J. R **Panorama Nacional da Educação Inclusiva no Brasil. Relatório de consultoria técnica**, Banco Mundial, 2003. Disponível em www.cnotinfor.pt/projectos/worldbank/inclusiva. Acesso em: 01 fev. 2023.

GÓES, C. B. **Práticas pedagógicas de leitura e escrita direcionadas a estudantes com diagnóstico de dislexia: o olhar de professores do ensino fundamental I**. 96 f. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

HENNIG, K. A. **Compreender a dislexia um guia para os pais e professores**. Porto Editora, 2003, 32 p.

JESUS, D. M. **Vozes e narrativas na ação grupal: trajetórias de formação de professores-pesquisadores na perspectiva da inclusão escolar**. In: JESUS, D. M. *et al.* (Org.). *Inclusão, práticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 166-175.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, R. F. Dislexia e processamento auditivo: revisão da literatura. **Revista CEFAC**, v. 9, n. 1, p. 116-125, 2007.

LIMA, R. F. **Sintomas depressivos e funções cognitivas em crianças com dislexia do desenvolvimento**. 2011. 296f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) - Faculdade de Ciências Médicas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

LUMERTZ, F. D. S. Intervenções escolares para alunos com dislexia: revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 45, p. 1-11, 2020. Disponível em: <http://www.acervosaunders.ufcspa.edu.br/index.php/revista/article/view/2374>. Acesso em: 02 fev. 2023.

MARTINS, L. Z.; CARNIO, M.S. Compreensão de leitura em disléxicos após programa de intervenção. **CoDAS**, v. 32, n. 1, p. 1-8, 2020.

MEDEIROS, M. C. G. **O que os professores conhecem sobre dislexia e o transtorno de déficit de atenção/hiperatividade**. 2006. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) - Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, 2006.

MURPHY, C. F. B. **Desenvolvimento de software para treinamento auditivo e aplicação em crianças com dislexia**. 2009. 176 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Medicina, Programa de Pós-Graduação em Ciências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

NALOM, A. F. de O.; SOARES, A. J. C.; CÁRNIO, M. S. A relevância do vocabulário receptivo na compreensão leitora. **Codas**, v. 27, n. 4, p. 333–338, 2015. Disponível em: 10.1590/2317-1782/20152015016. Acesso em: 9 fev. 2023.

NASCIMENTO, I. S.; ROSAL, A. G. C.; QUEIROGA, B. A. M. Conhecimento de professores do ensino fundamental sobre dislexia. **CEFAC**, v. 20, n. 1, p. 87-94, 2018.

LANHEZ, M. E.; NICO, M. A. **Nem sempre é o que parece: Como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

OLIVEIRA, A. M.; CARDOSO, M. H.; CAPELLINI, S. A. **Caracterização dos processos e leitura em escolares com dislexia e distúrbio de aprendizagem**. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 17, p. 201-207, 2012.

OLIVEIRA, P. **Retratos da dislexia no Brasil: análise bibliográfica do período de 2002 a 2014**. 244 f. 2016. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

OLIVEIRA, P.; LACERDA, C. B. F. A trajetória histórica dos estudos e pesquisas sobre a dislexia: a busca pela compreensão do fenômeno. **Distúrbios da Comunicação**, v. 30, n. 4, p. 791-801, 2018.

OLIVEIRA, A. P. D. A dislexia fator implicador na aprendizagem da linguagem na visão dos professores. Machado: **IFSULDEMINAS**, Machado. 2013.

PEREIRA, M. D.; SILVA, J. P. Ansiedade e autoestima associadas ao baixo desempenho escolar em estudantes com dislexia de desenvolvimento: uma revisão integrativa. **Revista Educação Especial**, v. 34, p. e40/1–23, 2021.

PINTO, A. C. C.; MATOS, M. A. L. A dislexia na educação: intervenção psicopedagógica. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 1, n. 9, p. 631-649, 2016.

RODRIGUES, S. D.; CIASCA, S. M. Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. **Revista Psicopedagogia**, v. 33, n. 100, p. 86-97, 2016.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007.

SANTIAGO, I. B.; OMODEI, J. D. O papel do professor e a contribuição da psicopedagogia para a inclusão do estudante com dislexia. **Revista Eletrônica Diálogos Acadêmicos**, v. 10, n. 1, p. 33-51, 2016.

SHAYWITZ, S. E. **Overcoming dyslexia: A new and complete science-based program for reading problems at any level**. New York: Vintage, 2003.

SILVA, A. P. Método repetitivo para disléxicos: como diagnosticar e desenvolver habilidades de leitura em disléxicos. **Educação: Teoria e Prática**, v. 29, n. 61, p. 478-493, 2019.

SILVA, C.; CAPELLINI, S. A. Eficácia de um programa de intervenção fonológica em escolares de risco para a dislexia. **Revista CEFAC**, v. 17, n. 6, p. 1827-1837, 2015.

SMITH, S. D. A historical perspective on dyslexia. **Annals of Dyslexia**, New York, v. 62, n. 3, p. 153-168, 2012.

SNOWLING, M. J.; BISHOP, D. V. M.; STOTHARD, S. E. Is pre-school language impairment a risk factor for dyslexia in adolescence? **Journal of Child Psychology & Psychiatry**, v. 41, p. 587-600, 2000.

SOUZA, Z. F. J. Mediação docente de alunos com dislexia: um olhar investigativo na perspectiva inclusiva. 183 f. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2020.

Tabaquim, M. D. L. M.; Dauruiz, S.; Prudenciatti, S. M.; Niquerito, A. V. Concepção de professores do ensino fundamental sobre a dislexia do desenvolvimento. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 97, p. 141-142, 2016.

TERRAS, M. M.; THOMPSON, L. C.; MINNIS, H. Dyslexia and psycho-social functioning: An exploratory study of the role of self-esteem and understanding. **Dyslexia**, v. 15, n. 4, p. 304-327, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/dys.386>. Acesso em: 02 fev. 2023.

WELLS, R. H. C.; BAY-NIELSEN, H.; BRAUN, R.; ISRAEL, R. A.; LAURENTI, R.; MAGUIN, P.; TAYLOR, E. **CID-10: classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde**. São Paulo: EDUSP, 2011. Disponível em: <http://www.edusp.com.br/portal/sites/default/files/edicoes/livros/pre-visualizar/026305.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2023.

ZUPPARDO, L.; FUENTES, A. V. R.; PIRRONE, C.; SERRANO, F. Las repercusiones de la Dislexia en la Autoestima, en el Comportamiento Socioemocional y en la Ansiedad en Escolares. **Psicología Educativa**, v. 2, n. 26, p. 175-183, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5093/psed2020a4>. Acesso em: 01 fev. 2023.